

Uma festa para a vida: literatura infantil, envelhecimento e direitos humanos na perspectiva da análise dialética histórica

 <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2237>

Rogéria Fatima Madaloz¹

Joice Nara Rosa Silva²

Carla Rosane da Silva Tavares Alves³

Sirlei de Lourdes Lauxen⁴

Data de submissão concluída: 27/5/2026. Data de aprovação: 14/9/2026. Data de publicação: 30/9/2026.

Resumo – O livro *Uma festa para a vida: animais do Pantanal e direitos dos idosos* (Osvaldo Júnior, 2020), publicado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, aborda os direitos da pessoa idosa por meio de uma narrativa protagonizada por animais do Pantanal. A obra tematiza respeito, convivência intergeracional, sabedoria e diferentes formas de violência, como negligência, exploração financeira e agressões. Este artigo analisa a obra a partir da perspectiva da análise dialética histórica, fundamentada nas categorias de totalidade, mediação e contradição, em diálogo com estudos sobre envelhecimento, literatura infantil e direitos humanos. A discussão articula o corpus narrativo ao desenvolvimento histórico dos direitos das pessoas idosas e às contradições sociais que marcam o envelhecimento no Brasil, considerando as relações entre linguagem verbal e imagética e as representações da velhice construídas pela narrativa. Os resultados evidenciam que a obra apresenta potencialidades para a problematização da violência e dos direitos da pessoa idosa, ao mesmo tempo em que mobiliza representações idealizadas e generalizantes do envelhecimento que requerem análise crítica. Conclui-se que sua potencialidade formativa reside na abertura para a discussão da diversidade das velhices, das relações intergeracionais, do cuidado e da responsabilidade social, preservando a literatura como espaço de interpretação e questionamento no campo da educação em direitos humanos.

Palavras-chave: Direitos humanos. Dialética histórica. Envelhecimento. Literatura infantil. Violência.

A celebration for life: children's literature, aging, and human rights from the perspective of historical dialectical analysis

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil.  rfmadaloz@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-1928-2277>  <http://lattes.cnpq.br/1272375118766677>.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil.  joicergs@yahoo.com.br  <https://orcid.org/0009-0006-0980-0807>  <http://lattes.cnpq.br/3424724313229473>.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil.  ctavares@unicruz.edu.br  <https://orcid.org/0000-0001-5295-0305>  <http://lattes.cnpq.br/5469415299180137>.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora titular, atuando na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, da Universidade de Cruz Alta. Atualmente Reitora da Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil.  slauxen@unicruz.edu.br  <https://orcid.org/0000-0002-8260-0039>  <http://lattes.cnpq.br/2677616430037792>.

Abstract – The book *A Celebration for Life: Animals of the Pantanal and the Rights of Older Persons* (Osvaldo Júnior, 2020), published by the Legislative Assembly of Mato Grosso do Sul, addresses the rights of older persons through a narrative featuring animals from the Pantanal. The work explores respect, intergenerational relationships, wisdom, and different forms of violence, such as neglect, financial exploitation, and aggression. This article analyzes the work from the perspective of historical dialectical analysis, grounded in the categories of totality, mediation, and contradiction, in dialogue with studies on aging, children's literature, and human rights. The discussion relates the narrative corpus to the historical development of the rights of older persons and to the social contradictions that characterize aging in Brazil, considering the relationships between verbal and visual language and the representations of old age constructed by the narrative. The results show that the work offers possibilities for problematizing violence and the rights of older persons, while also mobilizing idealized and generalizing representations of aging that require critical analysis. It is concluded that its formative potential lies in opening possibilities for discussing the diversity of aging experiences, intergenerational relationships, care, and social responsibility, while preserving literature as a space for interpretation and questioning within the field of human rights education.

Keywords: Aging. Children's literature. Historical dialectics. Human rights. Violence.

Una celebración por la vida: literatura infantil, envejecimiento y derechos humanos desde la perspectiva del análisis dialéctico histórico

Resumen – El libro *Una fiesta para la vida: animales del Pantanal y derechos de las personas mayores* (Osvaldo Júnior, 2020), publicado por la Asamblea Legislativa de Mato Grosso do Sul, aborda los derechos de las personas mayores mediante una narrativa protagonizada por animales del Pantanal. La obra tematiza el respeto, la convivencia intergeneracional, la sabiduría y diferentes formas de violencia, como la negligencia, la explotación financiera y las agresiones. Este artículo analiza la obra desde la perspectiva del análisis dialéctico histórico, fundamentado en las categorías de totalidad, mediación y contradicción, en diálogo con estudios sobre envejecimiento, literatura infantil y derechos humanos. La discusión articula el corpus narrativo con el desarrollo histórico de los derechos de las personas mayores y con las contradicciones sociales que caracterizan el envejecimiento en Brasil, considerando las relaciones entre el lenguaje verbal y visual y las representaciones de la vejez construidas por la narrativa. Los resultados evidencian que la obra presenta potencialidades para la problematización de la violencia y de los derechos de las personas mayores, al mismo tiempo que moviliza representaciones idealizadas y generalizantes del envejecimiento que requieren un análisis crítico. Se concluye que su potencial formativo reside en la apertura a la discusión sobre la diversidad de las experiencias de envejecimiento, las relaciones intergeneracionales, el cuidado y la responsabilidad social, preservando la literatura como espacio de interpretación y cuestionamiento en el campo de la educación en derechos humanos.

Palabras clave: Derechos humanos. Dialéctica histórica. Envejecimiento. Literatura infantil. Violencia.

Introdução

Embora exista, no Brasil, um robusto marco jurídico de proteção à pessoa idosa, persistem contradições profundas entre o reconhecimento formal de direitos e a

continuidade de práticas cotidianas de violência, negligência, discriminação e exclusão. Essa distância entre a lei e a vida concreta revela que a garantia de direitos não se efetiva apenas por dispositivos normativos, mas pela transformação coletiva das mentalidades, dos comportamentos e das práticas culturais que regulam as relações intergeracionais. Nesse cenário, emerge a questão central que orienta este estudo: como a literatura infantil pode contribuir para problematizar as contradições relacionadas ao envelhecimento e aos direitos da pessoa idosa no campo da educação em direitos humanos?

O envelhecimento populacional brasileiro constitui uma das transformações demográficas mais significativas das últimas décadas. Segundo o Censo Demográfico 2022, o Brasil possuía 32.113.490 pessoas com 60 anos ou mais, correspondentes a 15,8% da população. Em 2010, esse grupo representava 10,8% da população brasileira, evidenciando a intensidade do processo de envelhecimento demográfico no país (IBGE, 2023). Essa transformação amplia a necessidade de políticas públicas e práticas sociais capazes de assegurar dignidade, autonomia, participação social, cuidado e proteção integral às pessoas idosas, em consonância com os princípios estabelecidos pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Pessoa Idosa, instituído pela Lei nº 10.741/2003, cuja denominação foi alterada pela Lei nº 14.423/2022 (Brasil, 2022).

A ampliação da proteção jurídica convive, entretanto, com a persistência de diferentes formas de violência. Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos indicam que, em 2023, o Disque 100 registrou 143,5 mil denúncias de violência contra pessoas idosas, envolvendo situações de negligência, maus-tratos, violência patrimonial e outras violações de direitos (Brasil, 2024). Esses dados evidenciam uma contradição fundamental: a consolidação de direitos no plano normativo ocorre em uma sociedade na qual permanecem relações e práticas que vulnerabilizam pessoas idosas. Tal descompasso demanda compreender o envelhecimento para além de sua dimensão demográfica, situando-o nas relações sociais, econômicas, familiares, culturais e institucionais que condicionam as diferentes experiências de envelhecer.

Nessa perspectiva, o envelhecimento constitui um processo histórico e culturalmente produzido, atravessado por desigualdades de classe, gênero, raça e território. Negligência, exploração financeira, violência física e psicológica, além do isolamento social, expressam relações assimétricas de poder e valores que podem inferiorizar ou invisibilizar a velhice. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a heterogeneidade desse processo: envelhecer não corresponde a uma experiência única, tampouco pode ser associado exclusivamente à dependência, à fragilidade ou, em sentido oposto, a modelos idealizados de atividade, felicidade, sabedoria e autonomia. As condições concretas nas quais as pessoas envelhecem produzem experiências diversas e, por vezes, profundamente desiguais.

É nesse campo de contradições que a literatura infantil pode constituir uma importante mediação cultural. Por meio da ficção, da metáfora, das personagens e das ilustrações, as narrativas destinadas às crianças participam da produção de sentidos sobre o mundo social e podem favorecer a problematização de hierarquias, violências e preconceitos. Esse potencial, contudo, não é automático. Como produção cultural historicamente situada, a literatura também pode reproduzir estereótipos, simplificar conflitos ou apresentar determinadas experiências como universais. Por essa razão, seu potencial formativo depende das relações estabelecidas entre texto, imagem, contexto e mediação da leitura.

A leitura dialética adotada neste estudo fundamenta-se especialmente nas categorias de totalidade, mediação e contradição. Para Lukács (2018), a totalidade

possibilita compreender os fenômenos em sua articulação com o conjunto das relações sociais. Zacarias (2025) destaca que a compreensão dos fenômenos sociais requer considerá-los em sua historicidade e processualidade, articulando suas manifestações particulares às relações, mediações e contradições que constituem a realidade social. Heller (2016), por sua vez, permite compreender a vida cotidiana como espaço no qual relações e valores socialmente produzidos são reproduzidos, tensionados e transformados. No campo específico do envelhecimento, Minayo (2003) contribui para compreender a violência contra a pessoa idosa como fenômeno social relacionado a determinações históricas, culturais, familiares e institucionais.

Sob essa perspectiva, a análise de uma obra literária voltada à educação em direitos humanos requer considerar tanto suas possibilidades de problematização quanto as contradições presentes em suas escolhas narrativas e imagéticas. A representação da pessoa idosa como detentora de sabedoria, a associação entre envelhecer e permanecer ativo e feliz, a antropomorfização das personagens e a centralidade atribuída às relações familiares podem contribuir para construir imagens positivas da velhice, ao mesmo tempo em que demandam análise crítica quanto à possibilidade de simplificação ou reprodução de representações socialmente cristalizadas. A relação entre linguagem verbal e visual assume, nesse processo, relevância particular, uma vez que as ilustrações também participam da produção dos sentidos atribuídos às personagens e às experiências de envelhecimento.

É nesse horizonte teórico que se insere o presente artigo, cujo objetivo geral é analisar como *Uma festa para a vida: animais do Pantanal e direitos dos idosos* materializa as contradições relacionadas ao envelhecimento e aos direitos da pessoa idosa, considerando suas possibilidades e seus limites como mediação literária e político-pedagógica. Especificamente, busca-se identificar as representações da velhice construídas pela narrativa verbal e imagética; interpretar as tensões entre cuidado, negligência, violência e proteção; analisar possíveis estereótipos e idealizações presentes na representação do envelhecimento; contextualizar essas representações na realidade social brasileira, e refletir sobre as condições de mediação relacionadas às possibilidades de inserção da literatura infantil na educação em direitos humanos.

Fundamentação teórica

Envelhecimento como construção histórica

O envelhecimento constitui um processo biológico atravessado por significados sociais, culturais e históricos, construídos a partir das condições concretas de existência. Classe social, gênero, raça, território, condições de saúde, renda, redes de apoio e participação social interferem diretamente nas formas de viver a velhice, produzindo experiências diversas e desiguais.

Beauvoir (2024) evidencia que o lugar social atribuído à pessoa idosa varia conforme as estruturas econômicas, sociais e culturais de cada sociedade. Experiência e memória podem constituir fontes de reconhecimento, enquanto limitações funcionais, afastamento das atividades produtivas ou dependência podem ser convertidos em critérios de desvalorização. Essa perspectiva permite compreender a velhice como experiência heterogênea, afastando concepções homogêneas e universalizantes do envelhecimento.

A valorização social da produtividade interfere nas formas pelas quais a velhice é interpretada. Quando autonomia, desempenho e participação econômica são tomados como parâmetros de reconhecimento, experiências de dependência, adoecimento, deficiência, pobreza ou necessidade de cuidados tendem a adquirir

menor visibilidade. Debert (1999) contribui para compreender esse processo ao discutir a construção social da velhice e a responsabilização crescente dos sujeitos por seus próprios modos de envelhecer.

A crítica às representações depreciativas da velhice exige cautela para que sua superação não resulte em modelos igualmente generalizantes. Imagens da pessoa idosa como necessariamente sábia, feliz, saudável, independente ou socialmente ativa também produzem uma concepção homogênea do envelhecimento. Reconhecer a diversidade das velhices implica admitir que autonomia e dependência, saúde e adoecimento, participação e isolamento podem assumir configurações distintas ao longo das trajetórias individuais.

As condições em que o cuidado é produzido integram essa discussão. Ziesemer et al. (2021), ao investigarem cuidadores remunerados de pessoas idosas, identificaram predominância feminina, baixa remuneração e ausência de formação técnica específica em parte expressiva do grupo. Esses elementos demonstram que o cuidado se articula às relações de trabalho, às desigualdades de gênero e às formas socialmente organizadas de atenção às necessidades das pessoas idosas.

No Brasil, o reconhecimento jurídico da pessoa idosa como sujeito de direitos foi consolidado pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Pessoa Idosa, cuja denominação foi atualizada pela Lei nº 14.423/2022 (Brasil, 1988; Brasil, 2003; Brasil, 2022). A ampliação normativa convive com situações de negligência, exploração, violência, discriminação e isolamento, evidenciando a distância entre o reconhecimento formal dos direitos e sua efetivação nas condições concretas de vida.

Sob uma perspectiva dialética, essa coexistência entre ampliação de direitos e permanência de violações constitui uma contradição central para a compreensão do envelhecimento. A garantia de dignidade independe da produtividade, da autonomia funcional, da sabedoria ou de qualquer atributo socialmente valorizado e deve contemplar a pluralidade das formas de envelhecer.

Literatura infantil como expressão ideológica e instrumento de formação

A literatura infantil constitui uma produção cultural inserida em contextos históricos e sociais específicos. As narrativas destinadas às crianças participam da construção de representações sobre sujeitos, relações sociais, valores e modos de vida, ao mesmo tempo em que oferecem possibilidades de imaginação, interpretação e elaboração da experiência.

Zilberman (1985) compreende a literatura infantil como produção vinculada às relações entre infância, escola e sociedade, cuja inserção no campo educativo é atravessada por tensões entre sua dimensão estética e sua utilização pedagógica. Essa característica exige atenção quando a obra literária aborda temas relacionados a direitos, violência e relações sociais, pois sua abordagem em contextos educativos pode favorecer processos de reflexão ou reduzir a experiência literária à transmissão de conteúdos previamente definidos.

A partir dessa compreensão, Zilberman e Magalhães (2003) discutem a tensão entre autoritarismo e emancipação na literatura infantil, evidenciando a importância de preservar a participação do leitor na construção dos sentidos. A presença de uma intencionalidade educativa, portanto, requer uma mediação que favoreça a interpretação, o questionamento e o confronto de perspectivas, evitando que a narrativa seja tomada como portadora de uma mensagem única.

A imaginação ocupa lugar relevante nesse processo. Vigotski (2018) compreende a atividade imaginativa como vinculada às experiências sociais e culturais dos sujeitos, a partir das quais novos sentidos podem ser produzidos. No campo literário, essa articulação entre imaginação e experiência permite que

situações ficcionais sejam interpretadas em diálogo com conhecimentos e referências construídos socialmente.

Essa perspectiva é particularmente importante para a análise de obras que abordam questões relacionadas aos direitos humanos. Temas como violência, cuidado, envelhecimento e relações intergeracionais podem ser problematizados no espaço educativo, desde que a literatura preserve sua abertura interpretativa. O potencial formativo da narrativa relaciona-se, assim, às possibilidades de leitura e discussão que ela suscita, considerando as contradições, os silêncios e as representações presentes no texto e nas imagens.

Em *Uma festa para a vida*, essa dimensão formativa assume relevância pela articulação entre literatura infantil, envelhecimento e direitos da pessoa idosa em uma publicação vinculada a uma instituição pública. Sua análise requer considerar as possibilidades de discussão suscitadas pela narrativa e, simultaneamente, os limites decorrentes da construção de determinadas representações sobre envelhecimento, cuidado e convivência entre gerações.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, e tem como corpus a obra *Uma festa para a vida: animais do Pantanal e direitos dos idosos*, publicada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul (Osvaldo Júnior, 2020). A análise concentra-se nos elementos textuais e imagéticos da narrativa, considerando as representações do envelhecimento, da violência contra a pessoa idosa, das relações intergeracionais e dos direitos humanos.

O percurso analítico orientou-se pela perspectiva dialético-crítica, compreendendo os fenômenos sociais em seus movimentos, mediações e contradições. Nessa abordagem, totalidade, contradição e mediação constituem categorias que permitem relacionar as manifestações particulares às determinações históricas e sociais que as constituem (Zacarias, 2025). A adoção dessa perspectiva possibilitou examinar a narrativa considerando tanto suas potencialidades formativas quanto as tensões presentes nas representações construídas sobre a velhice.

A análise foi organizada em três movimentos articulados. O primeiro consistiu na leitura integral da obra e na identificação das personagens, das situações de violência, das relações intergeracionais, dos discursos e dos elementos imagéticos relacionados ao envelhecimento. O segundo compreendeu a organização desses elementos em eixos analíticos: a) representações da velhice; b) formas de violência e violação de direitos; c) antropomorfização e relação entre texto e imagem; d) cuidado, afeto e relações intergeracionais; e e) possibilidades e limites da mediação educativa.

No terceiro movimento, os elementos identificados foram interpretados em diálogo com a fundamentação teórica e com o marco jurídico de proteção à pessoa idosa. A análise buscou reconhecer aproximações, contradições e ausências presentes na narrativa, evitando atribuir às imagens ou às personagens significados desvinculados dos elementos efetivamente apresentados pela obra.

Por se tratar de uma análise documental, o estudo examina as representações construídas pela narrativa e suas possibilidades de problematização no campo da educação em direitos humanos. A pesquisa não envolveu crianças nem investigou processos concretos de recepção da obra, razão pela qual seus resultados se restringem à análise do texto e das imagens, sem permitir inferências sobre os sentidos efetivamente produzidos pelos leitores.

A narrativa como denúncia das contradições sociais

Uma festa para a vida apresenta situações de exploração financeira, negligência, violência física, isolamento e ausência de cuidado como violações que atravessam as experiências cotidianas das personagens. Ao fazê-lo, a narrativa aproxima o universo ficcional de problemas presentes nas relações sociais e familiares, tornando a violência contra a pessoa idosa um dos eixos centrais da história.

Sob uma perspectiva dialética, essas situações ultrapassam a dimensão individual das condutas apresentadas. As cenas remetem a relações familiares, econômicas e culturais nas quais a pessoa idosa pode ocupar posições de subordinação, invisibilidade ou dependência. Beauvoir (2024) contribui para essa compreensão ao situar a velhice nas condições sociais que definem o lugar atribuído às pessoas idosas, evidenciando como determinadas experiências podem ser associadas à desvalorização e ao afastamento da participação social.

Os episódios reunidos na narrativa exemplificam diferentes formas de violação de direitos. O uso indevido do cartão da avó pelo Macaco-Prego configura exploração financeira; o relato do Porco-do-Mato remete à negligência; a fala do Tatu explicita a violência física no espaço familiar; e a experiência da Arara-Azul evidencia isolamento e ausência de convivência (Osvaldo Júnior, 2020). Em conjunto, essas situações demonstram que a violência pode assumir dimensões patrimoniais, físicas, psicológicas e relacionais, inclusive em vínculos marcados por proximidade e confiança.

Essa configuração problematiza a compreensão da família como espaço naturalmente protetivo. As relações familiares aparecem atravessadas por cuidado, convivência e afeto, coexistindo com situações de exploração, omissão e violência. A contradição entre vínculo familiar e proteção evidencia que a garantia de direitos não decorre automaticamente da existência de vínculos de parentesco.

Consideradas em conjunto, essas situações revelam a distância entre o reconhecimento jurídico da pessoa idosa como sujeito de direitos e a permanência de práticas que violam sua dignidade. A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Pessoa Idosa atribuem responsabilidades à família, à sociedade e ao Estado, embora a efetivação desses direitos ainda conviva com situações de desigualdade, negligência e violência. Na perspectiva dialético-crítica, a compreensão dessas situações requer articulá-las às determinações históricas, sociais e culturais que as constituem (Zacarias, 2025).

A representação dessas violações constitui uma das potencialidades da obra, embora sua presença na narrativa não assegure, por si só, efeitos emancipatórios. Os sentidos produzidos dependem das condições de leitura e das mediações construídas em torno da obra. Nesse processo, a própria narrativa precisa ser interrogada quanto às representações de velhice, cuidado e relações intergeracionais que mobiliza.

A origem institucional da publicação acrescenta outra dimensão à análise. Publicada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, a obra insere a discussão sobre os direitos da pessoa idosa em uma produção vinculada ao poder público. Essa característica permite relacionar as situações representadas às responsabilidades sociais e institucionais implicadas na garantia desses direitos. O Estado integra, juntamente com a família e a sociedade, a estrutura responsável por essa garantia; por essa razão, a literatura institucional pode contribuir para a circulação de informações e para a problematização das violações, sem substituir políticas públicas, serviços de proteção, fiscalização e redes de cuidado.

A leitura dialética permite, assim, reconhecer a contribuição da narrativa sem convertê-la em solução para as contradições que apresenta. A obra torna visíveis formas de violência frequentemente naturalizadas e cria possibilidades para sua

problematização, ao mesmo tempo em que exige atenção ao modo como representa a velhice e às experiências de envelhecimento que permanecem menos visíveis.

Convivência intergeracional e memória como dimensões de resistência

Se, por um lado, *Uma festa para a vida* evidencia contradições estruturais e práticas de violência, por outro, apresenta relações intergeracionais que funcionam como mediações de resistência à desvalorização da velhice. Essas cenas revelam que o cuidado e a memória podem contribuir para o enfrentamento de concepções etaristas e para a produção de outros sentidos sobre a experiência do envelhecimento.

A Cutia, por exemplo, afirma: “Adoro ouvir as histórias da minha tia” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 17), revelando o papel da pessoa idosa como guardiã de memórias e saberes. O enunciado expressa a valorização da experiência acumulada ao longo da vida e evidencia como a convivência entre gerações favorece o compartilhamento de histórias, valores e aprendizados que conectam passado e presente.

De forma semelhante, o Porco Monteiro menciona a convivência com sua avó ao afirmar: “E eu, as da vovó”, referindo-se às histórias que escuta (Osvaldo Júnior, 2020, p. 18). A cena evidencia a proximidade afetiva entre gerações e associa a convivência familiar ao cuidado, ao respeito e à valorização da experiência da pessoa idosa.

Outros personagens reforçam essa dimensão positiva da velhice. A Jaguatirica descreve sua avó como uma figura divertida, afirmando: “Ah, a vovó faz muita palhaçada. Ela é muito engraçada! Sabe muitas piadas” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 19). Já a pequena Coruja ressalta o valor da experiência acumulada ao afirmar: “Já meu avô é um sábio. Sua vida é uma lição” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 19). Esses enunciados revelam que a velhice também pode ser associada à convivência afetiva, à sabedoria e ao aprendizado intergeracional.

A dimensão estética da obra reforça essa valorização. As ilustrações apresentam cores vibrantes, especialmente verdes, azuis e amarelos, que evocam a vitalidade do Pantanal e destacam elementos da fauna e da paisagem brasileiras. O cenário pantaneiro, composto por rios sinuosos, vegetação abundante e céu aberto, articula-se visualmente às situações de convivência apresentadas na narrativa, contribuindo para a construção de sentidos relacionados à interação entre as personagens e à experiência intergeracional.

Essa dimensão estética contribui para apresentar o envelhecimento como parte do ciclo vital, associando-o ao reconhecimento e ao respeito à pessoa idosa. Ao conjugar denúncia e valorização, a obra evidencia contradições presentes na realidade social: em meio às situações de violência, emergem práticas de cuidado e afeto que se contrapõem à desvalorização da velhice.

Essas formas de convivência podem atuar como mediações que favorecem outras percepções sobre a velhice e outras possibilidades de interação entre as gerações. Essa compreensão dialoga com Minayo (2003), ao permitir considerar que as relações intergeracionais podem reproduzir desigualdades, mas também favorecer práticas pautadas na solidariedade, no cuidado e no reconhecimento da dignidade humana.

Assim, *Uma festa para a vida* apresenta elementos que possibilitam problematizar a velhice como experiência marcada pela memória, pelas potencialidades dos sujeitos e pelo reconhecimento de seu valor social. Ao representar situações de convivência intergeracional, a narrativa favorece reflexões sobre concepções que inferiorizam a velhice e sobre a construção de práticas pautadas no cuidado e no respeito.

Entre animais e pessoas: antropomorfização e construção imagética da velhice

A escolha de animais do Pantanal como personagens constitui uma das características centrais de *Uma festa para a vida*. Macaco-Prego, Tatu, Arara-Azul, Jaguatirica, Cutia, Jacaré, Coruja e outros animais assumem comportamentos, sentimentos, relações familiares e formas de comunicação humanas. Esse processo de antropomorfização insere no universo ficcional questões relacionadas ao envelhecimento e à violência contra a pessoa idosa.

Esse recurso possui longa presença na literatura destinada às crianças e, na obra analisada, cumpre uma função de mediação simbólica. Situações potencialmente complexas, como exploração financeira, agressão física, abandono e negligência, são deslocadas para um universo protagonizado por animais, estabelecendo certo distanciamento entre a experiência ficcional e situações concretas de violência. Esse deslocamento possibilita abordar temas difíceis sem que a narrativa represente diretamente sujeitos humanos em situações de sofrimento.

A antropomorfização participa da construção das representações presentes na obra, atribuindo características humanas aos animais e situando-os em posições específicas na organização narrativa. A análise considera os sentidos culturalmente associados às espécies representadas e sua articulação com os elementos textuais e imagéticos empregados na caracterização das personagens.

O Vovô Coruja constitui o exemplo mais evidente dessa relação. A associação cultural da coruja ao conhecimento e à sabedoria é mobilizada na construção da personagem idosa, que assume a posição de quem escuta os relatos, interpreta as situações apresentadas e formula, ao final da história, uma reflexão de caráter ético. Os elementos textuais e imagéticos convergem, portanto, para a construção de uma personagem cuja autoridade se vincula à idade, à experiência e à simbologia culturalmente associada à coruja.

Essa construção apresenta uma dupla dimensão. De um lado, atribuir centralidade, capacidade reflexiva e autoridade a uma personagem idosa confronta representações que associam a velhice exclusivamente à passividade ou à incapacidade. De outro, a associação entre a personagem idosa e a figura da “coruja sábia” pode reproduzir uma representação igualmente cristalizada, segundo a qual envelhecer implicaria necessariamente acumular sabedoria e ocupar o lugar de conselheiro das gerações mais jovens.

A questão não reside na utilização da coruja como personagem, tampouco na presença da sabedoria como característica positiva. A tensão emerge quando um atributo particular passa a ser tomado como característica generalizante da pessoa idosa. A dignidade e a garantia de direitos não podem depender da correspondência do sujeito a características socialmente valorizadas, como sabedoria, experiência, produtividade, autonomia ou capacidade de aconselhar os demais.

As demais personagens também contribuem para esse processo de deslocamento simbólico. Ao atribuir relações de parentesco, conflitos financeiros, sentimentos de solidão, experiências de cuidado e episódios de violência aos animais do Pantanal, a narrativa transpõe situações humanas para o universo ficcional construído a partir da fauna pantaneira. A presença desses animais não se restringe à ambientação, mas integra a estratégia narrativa pela qual problemas sociais são representados.

A linguagem imagética, nesse contexto, participa da produção dos sentidos e não deve ser compreendida apenas como ilustração decorativa do texto verbal. As imagens caracterizam personagens, expressam relações e situam os acontecimentos no espaço ficcional da narrativa. A presença visual dos animais confere uma dimensão

lúdica à obra, sem eliminar a gravidade das situações de violência representadas. Em contextos educativos, essa articulação entre ludicidade e violência pode ser problematizada por meio da mediação da leitura.

Essa tensão é particularmente relevante nas cenas que envolvem violações de direitos. A presença de personagens animais estabelece certo distanciamento entre as situações representadas e a realidade social; entretanto, a compreensão de que exploração financeira, negligência e agressões correspondem a situações vivenciadas por pessoas reais não decorre automaticamente da leitura. A articulação entre o plano simbólico da narrativa e a realidade social depende, portanto, das mediações mobilizadas no processo de leitura.

O cenário pantaneiro também ocupa lugar significativo na identidade visual da obra. A presença da fauna e da paisagem regional vincula a narrativa a um território específico e articula a abordagem dos direitos humanos a elementos culturais e ambientais desse contexto. Essa escolha contribui para singularizar a obra e evidencia uma dimensão estética que ultrapassa a transmissão de informações sobre direitos.

Entretanto, é necessário evitar interpretações que atribuam automaticamente às cores, à paisagem ou aos animais sentidos que não estejam sustentados pela articulação entre texto e imagem. A presença de cores intensas e de elementos da natureza contribui para a construção de uma atmosfera visual lúdica. A associação de determinadas cores à vitalidade, à esperança ou à transformação requer elementos adicionais de sustentação analítica. O mesmo critério aplica-se à interpretação do ecossistema pantaneiro como metáfora da convivência entre gerações.

A relação entre linguagem verbal e imagética pode ser examinada a partir das funções que essa articulação desempenha na narrativa: caracterizar as personagens, produzir distanciamento simbólico diante de situações de violência e construir determinadas representações sobre envelhecimento, família e convivência. Essa perspectiva evita transformar a ilustração em simples confirmação visual de sentidos previamente atribuídos pelo pesquisador.

A antropomorfização pode, portanto, ser compreendida como uma mediação contraditória. Ela favorece a abordagem ficcional de situações sociais complexas e permite tratar de violência, envelhecimento e direitos humanos em uma narrativa destinada às crianças. Simultaneamente, as características culturalmente associadas aos animais podem mobilizar representações simplificadas ou estereotipadas, como se observa de maneira mais evidente na associação entre o Vovô Coruja e a sabedoria.

Essa ambivalência reforça a importância da mediação da leitura. Em vez de oferecer às crianças interpretações previamente definidas sobre cada personagem, a mediação pode mobilizar questões relacionadas às escolhas narrativas e visuais: por que uma coruja ocupa o lugar de personagem mais sábia? Uma pessoa precisa ser sábia para ser respeitada quando envelhece? Por que animais foram escolhidos para representar situações vivenciadas por seres humanos? O que muda quando uma situação de violência é apresentada por meio de personagens animais?

Questões dessa natureza preservam a dimensão literária da obra e mantêm abertas possibilidades de interpretação do texto e das imagens, evitando que a narrativa seja reduzida a uma mensagem moral previamente determinada. O potencial educativo da antropomorfização reside, assim, menos na simplificação da realidade e mais na criação de um distanciamento simbólico que possibilita problematizar questões complexas e estabelecer relações entre o universo ficcional e a realidade social.

A análise conjunta dos elementos verbais e imagéticos evidencia que as representações do envelhecimento construídas pela obra são atravessadas por sentidos que não se apresentam de forma unívoca. Características como sabedoria, alegria, memória, convivência familiar e participação social contribuem para problematizar representações depreciativas da velhice, ao mesmo tempo em que podem produzir idealizações quando tomadas como atributos generalizáveis às pessoas idosas. De modo semelhante, a antropomorfização insere temas complexos em um universo ficcional protagonizado por animais, porém mobiliza associações simbólicas que também interferem na construção das personagens. Com o objetivo de reunir essas tensões, a Tabela 2 apresenta os principais elementos narrativos e imagéticos identificados na obra, considerando seus sentidos, suas potencialidades e as contradições que emergem da análise.

Tabela 2 – Representações do envelhecimento e tensões identificadas na narrativa

Elemento narrativo/imagético	Sentido construído	Potencialidade	Tensão identificada
Vovô Coruja	Sabedoria e experiência	Valoriza a pessoa idosa como sujeito de conhecimento	Pode generalizar a associação entre velhice e sabedoria
Avó da Jaguatirica	Humor e alegria	Rompe com imagens de passividade	Pode contribuir para idealização da velhice feliz/ativa
Memórias de avós e tias	Transmissão intergeracional	Valoriza experiências e vínculos	Pode restringir a função da pessoa idosa ao papel de transmissora de saberes
Relações familiares	Cuidado e convivência	Favorece aproximação entre gerações	A família também aparece como espaço de violência e não esgota a intergeracionalidade
Animais antropomorfizados	Mediação simbólica	Aproxima temas complexos do universo infantil	Características culturalmente atribuídas aos animais podem reforçar estereótipos
Paisagem/fauna pantaneira	Identidade estética e territorial	Singulariza e contextualiza a narrativa	Requer cautela para não atribuir simbolismos não demonstrados pela obra

Fonte: elaborado pelas autoras com base na obra *Uma festa para a vida* (Osvaldo Júnior, 2020).

A Tabela 2 permite observar que as potencialidades formativas da obra coexistem com limites e tensões presentes nas escolhas narrativas e imagéticas. Essa coexistência constitui um aspecto relevante para a análise dialética, pois evidencia os limites de uma classificação simplificada da narrativa como emancipatória ou estereotipada. A valorização da memória, da sabedoria, do humor e da convivência pode contribuir para problematizar representações etaristas que associam a velhice à incapacidade e ao declínio; entretanto, esses mesmos elementos demandam problematização quando se aproximam de um modelo idealizado de pessoa idosa ativa, sábia, feliz e integrada à família.

As ausências também constituem elementos significativos para a interpretação. Experiências de envelhecimento marcadas por dependência, deficiência, comprometimentos cognitivos, adoecimento ou necessidade intensiva de cuidados recebem menor destaque na narrativa. Do mesmo modo, são pouco contemplados espaços de convivência intergeracional situados fora das relações familiares. Esses limites evidenciam a importância de uma mediação que amplie as questões apresentadas pela narrativa, contemple a diversidade das velhices e problematize a generalização de determinadas formas de envelhecer.

Desse modo, texto, imagem e antropomorfização constituem mediações por meio das quais a obra aborda questões relacionadas ao envelhecimento e aos direitos da pessoa idosa. Sua potência formativa reside também nas possibilidades de problematização suscitadas pelas contradições presentes na narrativa. Essa perspectiva torna particularmente relevante examinar a figura do Vovô Coruja, personagem que concentra algumas das principais tensões identificadas: é simultaneamente pessoa idosa, referência de sabedoria, autoridade narrativa e responsável pela formulação da reflexão de caráter ético presente no desfecho da história.

A figura do vovô coruja: síntese ética, crítica e horizonte de transformação

O discurso do Vovô Coruja ocupa posição central no desfecho da narrativa e reúne algumas das questões éticas apresentadas ao longo da história. Sua fala articula a crítica às práticas de violência à afirmação do cuidado e do acolhimento: “Muita coisa que contaram causa dor e sofrimento. E os idosos precisam de amor e acolhimento. Vocês falaram de omissões e vários maus tratos, como violência física, psicológica e material. Não podemos achar que isso tudo seja natural” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 21). Ao formular essa reflexão, a personagem explicita a crítica à negligência e às agressões e reafirma a dignidade da pessoa idosa, contrapondo-se à naturalização das diferentes formas de violência apresentadas na narrativa.

Do ponto de vista teórico, essa cena pode ser compreendida a partir de dois referenciais complementares. Sob a ótica bakhtiniana, a fala do Vovô Coruja constitui um enunciado que responde às experiências anteriormente relatadas pelas personagens e lhes atribui uma orientação ética relacionada ao reconhecimento do outro. Conforme afirma Bakhtin (2011, p. 341), “ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si mesmo”. Nessa perspectiva, a relação com o outro ocupa lugar constitutivo na existência humana e implica uma dimensão de responsabilidade nas interações sociais. A fala do Vovô Coruja pode ser interpretada à luz desse princípio ao articular solidariedade, valorização da memória e consciência da finitude da vida, expressa na afirmação de que “a vida é apenas um instante” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 22).

Essa dimensão ética da alteridade pode ser articulada à perspectiva dialético-crítica. As categorias de totalidade, contradição e mediação possibilitam compreender os fenômenos sociais em sua historicidade e processualidade, relacionando suas manifestações particulares às determinações que constituem a realidade social (Zacarias, 2025). A fala do Vovô Coruja pode ser compreendida, nesse quadro, como uma mediação simbólica que reúne as experiências anteriormente relatadas e explicita contradições presentes nas relações com as pessoas idosas. Em diálogo com essa compreensão, Lukács (2018) permite considerar a realidade social para além de suas manifestações fragmentadas, relacionando os fenômenos particulares à totalidade em que se constituem. A fala da personagem assume, assim, uma função de síntese no desfecho da narrativa, ao articular as experiências anteriormente

apresentadas e propor uma reflexão sobre a velhice, o cuidado e a responsabilidade diante do outro.

A reflexão presente nessa passagem pode ser examinada a partir da relação entre temporalidade e envelhecimento. Massie e Staude (2024) analisam o envelhecer como uma experiência constituída pela articulação entre temporalidades biológicas, pessoais e históricas, evidenciando a complexidade da relação do sujeito com o tempo vivido. À luz dessa compreensão, o enunciado do Vovô Coruja permite articular memória, presente e finitude às formas pelas quais os sujeitos atribuem sentido às suas trajetórias.

A reflexão sobre o tempo, contudo, não se limita à sua dimensão abstrata. Beauvoir (2024) permite compreender que a experiência da temporalidade se modifica ao longo do envelhecimento, particularmente diante das mudanças nas perspectivas de futuro e da consciência da finitude. Ao abordar as articulações entre tempo, identidade e projeto de vida, a autora afirma:

O tempo que um homem considera como seu é aquele em que ele concebe e realiza seus projetos: então chega um período em que eles se fecham atrás dele. O homem idoso, improdutivo e impotente, se vê como uma sobra de uma época anterior. Por isso, ele tão prontamente se volta para o passado: isso foi o tempo que pertencia a ele, o tempo em que ele se via como um indivíduo de primeira classe, um ser vivo (Beauvoir, 2024, p. 435).

Assim, Beauvoir (2024) permite compreender o envelhecimento em sua articulação com as transformações na experiência do tempo, na identidade e na memória. Essa abordagem oferece elementos para interpretar a fala do Vovô Coruja acerca da brevidade da vida e da finitude humana.

A discussão sobre temporalidade e finitude permite avançar para uma leitura discursiva da fala da personagem. Sob o enfoque da Análise Crítica do Discurso, conforme Fairclough (2001), o enunciado do Vovô Coruja pode ser compreendido como prática social que questiona a naturalização da violência contra as pessoas idosas. Na perspectiva do autor, o discurso mantém uma relação dialética com a realidade social, na medida em que é por ela constituído e participa de sua constituição. A fala da personagem articula dimensões éticas e sociais ao se contrapor à negligência e às diferentes formas de violência apresentadas na narrativa, problematizando sua aceitação como práticas naturalizadas.

Consideradas essas articulações teóricas, a figura do Vovô Coruja ocupa posição central na construção ética da narrativa, ao reunir elementos que possibilitam problematizar as relações entre gerações. Sua fala articula memória, tempo, responsabilidade e poder, constituindo um núcleo de reflexão ética sobre a velhice, o cuidado e a dignidade da pessoa idosa.

Da festa à vida: entre transformação social e sentimentalização do cuidado

O desfecho de *Uma festa para a vida* desloca o sentido inicialmente atribuído à celebração organizada pelas personagens. A festa, concebida como um acontecimento destinado às pessoas idosas, deixa de representar uma homenagem pontual e assume uma função narrativa que amplia a reflexão sobre o cuidado e o reconhecimento ao longo da vida. Esse movimento é explicitado na passagem: “No entanto, perceberam que, além de um dia de confraternização, deveriam dar à vida uma nova razão: amar a todos da meninice até a velhice” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 25).

A passagem produz um deslocamento relevante. A valorização da pessoa idosa deixa de estar associada exclusivamente a uma data comemorativa e é apresentada como compromisso que deve integrar as relações cotidianas. Em uma leitura dialético-crítica, esse movimento permite reconhecer os limites de ações episódicas diante das condições sociais em que se produzem situações de violência, negligência e invisibilização. Uma confraternização pode possuir significado afetivo e simbólico, porém não altera, isoladamente, as condições que produzem violações de direitos.

A própria estrutura narrativa favorece essa interpretação. Ao longo da história, as personagens relatam situações de exploração financeira, agressão, abandono e isolamento; no desfecho, a celebração pontual é ampliada pela proposição de que o cuidado e o reconhecimento se estendam ao longo da vida. Evidencia-se, portanto, uma tensão entre a ação episódica e a continuidade das relações de respeito e proteção. Essa tensão constitui um elemento relevante para a análise, pois permite problematizar a passagem da homenagem ocasional para as práticas cotidianas.

A formulação escolhida para expressar essa mudança, entretanto, concentra-se no campo afetivo: “amar a todos da meninice até a velhice”. O amor aparece como princípio orientador das relações entre as gerações apresentadas no desfecho da narrativa. No contexto de uma obra destinada às crianças, essa formulação situa a discussão no campo do afeto e do cuidado. Contudo, quando a temática envolve direitos humanos, violência e proteção social, o afeto, isoladamente, não abarca as responsabilidades sociais, familiares e institucionais implicadas na garantia dos direitos da pessoa idosa.

A dignidade, a integridade, a autonomia e a proteção da pessoa idosa não estão condicionadas à existência de vínculos afetivos, uma vez que o respeito aos seus direitos independe de relações de amor ou proximidade. Essa distinção é particularmente relevante porque a garantia desses direitos ultrapassa o âmbito das relações familiares e envolve responsabilidades sociais e estatais. O enfrentamento da violência, da exploração e da negligência não pode depender exclusivamente da disposição afetiva dos indivíduos.

A narrativa evidencia, assim, uma tensão entre duas dimensões: a afetiva, construída em torno do amor, do acolhimento e da convivência, e a dos direitos, relacionada à dignidade, à proteção, à responsabilidade e ao enfrentamento das violações. Essas dimensões podem coexistir, embora não sejam equivalentes. O cuidado pode envolver afeto, mas a garantia de direitos não pode ser condicionada à existência de vínculos afetivos.

Essa diferenciação permite aprofundar a compreensão das responsabilidades apresentadas pela própria obra. Quando situações de violência são tratadas predominantemente como problemas que podem ser enfrentados pela mudança das relações interpessoais, há o risco de concentrar nos indivíduos e nas famílias a responsabilidade por questões que possuem determinações sociais e institucionais. O enfrentamento da violência patrimonial, da negligência, do isolamento e da agressão envolve relações de cuidado e proteção, assim como políticas públicas, serviços, mecanismos de denúncia e responsabilização e redes de proteção.

A origem institucional de *Uma festa para a vida* torna essa tensão particularmente significativa. Publicada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, a obra insere-se em uma iniciativa institucional voltada à abordagem dos direitos da pessoa idosa. Nesse contexto, a valorização do cuidado e da convivência constitui uma contribuição relevante, que precisa ser articulada às responsabilidades do poder público na garantia desses direitos e na construção, no acompanhamento e na fiscalização das políticas destinadas a essa população.

A contradição não invalida a iniciativa institucional; ao contrário, permite situá-la em seus limites. Uma obra literária pode contribuir para dar visibilidade a determinados problemas e favorecer discussões sobre direitos, porém não substitui as condições materiais e institucionais necessárias à proteção das pessoas idosas. A conscientização constitui uma dimensão do enfrentamento e não sua totalidade.

O encerramento da narrativa acentua a dimensão afetiva ao afirmar a necessidade de “abraçar os idosos com calorosos sorrisos” (Osvaldo Júnior, 2020, p. 26). No contexto da obra, o abraço e o sorriso integram a construção de sentidos relacionados à proximidade, ao acolhimento e ao reconhecimento, contrapondo-se às situações de abandono e isolamento anteriormente apresentadas.

Entretanto, essa formulação pode aproximar a narrativa de uma representação sentimentalizada da velhice. Quando o respeito à pessoa idosa é expresso predominantemente por gestos de carinho, há o risco de deslocar a questão dos direitos para o campo da bondade individual ou da compaixão. Essa ênfase afetiva pode favorecer uma representação da pessoa idosa como alguém que deve receber carinho em razão da idade ou de uma suposta condição de fragilidade, em detrimento de seu reconhecimento como sujeito de direitos.

Essa distinção é relevante para a educação em direitos humanos. A valorização de práticas de carinho e cuidado nas relações com as pessoas idosas constitui uma dimensão relacional importante, distinta do reconhecimento de que negligência, exploração financeira, agressão, discriminação e abandono configuram violações de direitos. A primeira dimensão situa-se predominantemente no campo das relações interpessoais; a segunda envolve a compreensão das responsabilidades sociais e institucionais, das relações de poder, da proteção social e dos mecanismos coletivos de enfrentamento.

A mediação da leitura pode, portanto, favorecer a articulação entre a dimensão afetiva da narrativa e a discussão sobre os direitos da pessoa idosa. A expressão “abraçar os idosos com calorosos sorrisos” possibilita formular questões como: o que significa respeitar uma pessoa idosa além de demonstrar carinho? Quem deve protegê-la quando sua família viola seus direitos? Como agir diante de uma situação de violência? Quais são as responsabilidades da sociedade e do Estado? Todas as pessoas idosas desejam ou necessitam das mesmas formas de cuidado?

Perguntas dessa natureza ampliam as possibilidades de mediação da narrativa, evitando que sua abordagem educativa se restrinja à valorização de comportamentos considerados desejáveis. A discussão pode, assim, articular afeto, direitos e responsabilidade social, problematizando a ideia de que o respeito às pessoas idosas se limita ao dever de “amar os idosos”. Essa abordagem permite considerar a autonomia, a singularidade e os direitos das pessoas idosas em diferentes contextos sociais.

É necessário, portanto, cautela ao interpretar o desfecho como passagem automática de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. A narrativa apresenta uma mudança na compreensão das personagens; contudo, na perspectiva de Freire (2021), a consciência crítica envolve a problematização das condições concretas da realidade e a participação dos sujeitos na leitura e na transformação do mundo. A presença de uma mensagem ética na obra, considerada isoladamente, mostra-se insuficiente para demonstrar a ocorrência desse processo no leitor. A contribuição da narrativa pode ser situada, de maneira mais precisa, como possibilidade de problematização. Ao deslocar a homenagem pontual para a valorização de relações contínuas de respeito, *Uma festa para a vida* oferece elementos para discutir o lugar social das pessoas idosas. Sua dimensão formativa

pode ser potencializada por uma mediação que articule o apelo afetivo às estruturas sociais, às responsabilidades coletivas e aos direitos legalmente assegurados.

O desfecho expressa, portanto, outra das contradições constitutivas da obra. A narrativa amplia o sentido da celebração episódica ao associá-la a um compromisso contínuo de cuidado, formulado predominantemente por meio do amor, do abraço e do sorriso. Uma leitura crítica desses elementos permite reconhecer o lugar do afeto nas relações intergeracionais e, simultaneamente, compreender a dignidade, a proteção e o respeito como direitos cuja garantia independe da existência de vínculos afetivos.

Literatura infantil e educação em direitos humanos: potencialidades e limites da mediação

A análise de *Uma festa para a vida* evidencia que a aproximação entre literatura infantil e educação em direitos humanos se constrói em um campo marcado por possibilidades e contradições. A obra aborda situações de exploração financeira, negligência, violência física, isolamento e invisibilização da pessoa idosa, ao mesmo tempo em que apresenta relações de cuidado, memória, convivência e afeto. Ao inserir essas questões em uma narrativa protagonizada por animais do Pantanal, estabelece uma mediação simbólica que possibilita abordar temas socialmente complexos no âmbito da literatura destinada às crianças.

A abordagem de questões relacionadas à violência no universo infantil está presente tanto na produção literária quanto no campo educacional e nas discussões sobre formação para a cidadania e proteção de direitos. Ao analisarem a abordagem da violência infantil na Base Nacional Comum Curricular, Saraiva et al. (2025) identificam limitações na incorporação da temática e defendem sua articulação a uma formação mais ampla, relacionada à cidadania, à ética, ao respeito e à proteção integral. Embora o estudo se concentre na violência contra crianças, suas reflexões contribuem para compreender o espaço educativo como uma das mediações possíveis para a discussão de questões sociais complexas, evitando que situações de violência sejam circunscritas ao âmbito privado ou familiar.

A obra analisada pode ser situada, portanto, na articulação entre literatura, educação e direitos humanos. Em *Uma festa para a vida*, a violência contra a pessoa idosa é inserida em situações ficcionais constituídas por personagens, conflitos e relações, aproximando a discussão sobre direitos e proteção social do universo literário. A experiência ficcional permite abordar temas relacionados à dignidade, ao cuidado, à violência e à proteção de direitos, preservando a dimensão narrativa e simbólica da literatura.

O reconhecimento dessa potencialidade, entretanto, exige distinguir a presença de uma temática socialmente relevante dos efeitos efetivamente produzidos em sua recepção. O fato de uma narrativa abordar direitos humanos não assegura, por si só, a formação de uma consciência crítica. Os sentidos construídos pelos leitores relacionam-se às suas experiências, às condições em que a leitura ocorre e às mediações estabelecidas nesse processo. Como a presente pesquisa analisa a obra, e não sua recepção por crianças em situações concretas, não é possível afirmar que a narrativa produza determinados comportamentos, valores ou formas de consciência.

Essa delimitação é importante para evitar que a literatura seja concebida como instrumento de transmissão direta de valores. A especificidade da experiência literária envolve abertura interpretativa, imaginação, estranhamento e produção de sentidos. Quando uma obra é utilizada exclusivamente para transmitir valores ou comportamentos previamente definidos como desejáveis, a leitura pode ser reduzida

à confirmação de uma mensagem estabelecida de antemão, aproximando-se de uma prática moralizante.

Em *Uma festa para a vida*, esse risco merece atenção porque a narrativa apresenta marcas de uma orientação educativa. O Vovô Coruja organiza os acontecimentos, nomeia formas de violência e formula uma reflexão ética no desfecho. A narrativa enfatiza valores como amor, acolhimento, respeito e convivência, conferindo centralidade a determinadas respostas diante das situações apresentadas. Essa configuração explicita a dimensão formativa da obra, ao mesmo tempo em que pode orientar as possibilidades de interpretação para sentidos previamente formulados pela própria narrativa.

A mediação crítica assume, nesse contexto, função distinta da transmissão de sentidos previamente definidos. Ela pode criar condições para que a criança formule perguntas, estabeleça relações, identifique contradições e confronte diferentes possibilidades de compreensão, em lugar de direcioná-la para uma interpretação previamente estabelecida. O mediador pode ampliar a discussão para aspectos abordados parcialmente pela obra ou situados em segundo plano.

Essa possibilidade torna-se particularmente relevante diante das representações do envelhecimento identificadas na análise. A presença de personagens idosas associadas à sabedoria, ao humor, à memória, à participação e à convivência familiar contrapõe-se a representações que vinculam a velhice exclusivamente ao declínio ou à incapacidade. Ao mesmo tempo, uma leitura problematizadora pode ampliar a discussão para experiências pouco contempladas na narrativa, como as de pessoas idosas com deficiência, dependência funcional, comprometimentos cognitivos, adoecimento, fragilidade socioeconômica ou ausência de vínculos familiares.

Outro aspecto a ser ampliado diz respeito aos espaços de convivência intergeracional representados na obra. Como as relações entre gerações aparecem predominantemente no âmbito familiar, a discussão pode contemplar outros contextos em que crianças, adultos e pessoas idosas compartilham experiências, como escolas, comunidades, serviços públicos, atividades culturais e espaços de participação social. Essa ampliação permite problematizar a compreensão do envelhecimento e da proteção da pessoa idosa como questões restritas ao universo familiar.

A discussão pode abranger, ainda, as responsabilidades da família, da sociedade e do Estado diante das situações de violência representadas na narrativa. Essa ampliação permite evitar que questões de caráter social e institucional sejam circunscritas à mudança de atitudes individuais. Embora o respeito e o cuidado sejam relevantes nas relações cotidianas, o enfrentamento da violência contra a pessoa idosa envolve políticas públicas, redes de proteção, mecanismos de denúncia, acesso a serviços e responsabilização por violações de direitos.

A origem institucional da publicação oferece outro elemento para essa problematização. Publicada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, a obra possibilita ampliar a discussão para o papel do Estado na garantia dos direitos da pessoa idosa. Questões como “como devemos tratar as pessoas idosas?” podem ser articuladas a outras indagações: “quem é responsável pela garantia desses direitos?” e “o que ocorre quando família, sociedade ou poder público deixam de assegurá-los?”. Essa ampliação permite relacionar as situações apresentadas na narrativa às dimensões sociais e políticas da cidadania, evitando restringir a discussão ao plano comportamental.

As imagens e a antropomorfização constituem outros elementos passíveis de problematização. Questões sobre por que a personagem responsável pela síntese ética é uma coruja, quais características são atribuídas às personagens idosas ou por

que determinados animais representam situações específicas podem ampliar a interpretação dos elementos verbais e imagéticos da obra. Essa abordagem permite problematizar as escolhas presentes na construção das personagens e as representações sociais produzidas pela articulação entre palavras e imagens.

Sob esse enfoque, o valor da obra para a educação em direitos humanos reside nas possibilidades de diálogo e reflexão suscitadas pela narrativa. Suas próprias limitações podem adquirir relevância formativa quando tomadas como objeto de questionamento. A ausência de determinadas experiências de envelhecimento, a centralidade da família, a associação entre velhice e sabedoria e a predominância da dimensão afetiva constituem elementos a partir dos quais podem ser discutidas as representações construídas acerca da velhice.

Essa compreensão permite diferenciar a utilização pedagógica da instrumentalização da literatura. A primeira pode preservar a experiência estética e a abertura interpretativa da obra; a segunda tende a subordiná-la a uma finalidade educativa previamente determinada. Na educação em direitos humanos, essa distinção é relevante porque uma perspectiva crítica ultrapassa a prescrição de comportamentos considerados adequados e envolve possibilidades de interpretação e problematização da realidade.

Desse modo, *Uma festa para a vida* apresenta potencial para integrar práticas educativas relacionadas ao envelhecimento e aos direitos da pessoa idosa, especialmente quando sua abordagem ultrapassa a transmissão de mensagens de respeito ou amor. A narrativa oferece elementos para discutir violência, diversidade das velhices, relações intergeracionais, responsabilidade social e proteção de direitos, incluindo suas próprias representações como objeto de análise crítica.

A contribuição da narrativa encontra-se, portanto, em seu caráter aberto e relacional. Sua potencialidade formativa pode ser compreendida a partir das relações entre texto, imagem, leitor e contexto, nas quais se abrem possibilidades de problematização e construção de sentidos. Nesse espaço, a literatura pode participar da educação em direitos humanos ao possibilitar que as contradições relacionadas ao envelhecimento sejam discutidas e articuladas à realidade social.

Considerações finais

A análise de *Uma festa para a vida: animais do Pantanal e direitos dos idosos* permitiu examinar como a literatura infantil insere questões relacionadas ao envelhecimento e aos direitos da pessoa idosa em um universo ficcional destinado às crianças. A obra apresenta situações de exploração financeira, negligência, violência física, isolamento e invisibilização social, articuladas a relações de cuidado, memória, convivência e afeto. A coexistência desses elementos evidencia contradições que atravessam as representações da velhice e oferece possibilidades para a discussão dos direitos humanos no campo literário.

Os resultados demonstraram, entretanto, que essas representações não se constroem de maneira linear. As mesmas escolhas narrativas que confrontam imagens depreciativas da velhice podem produzir sentidos generalizantes. A associação entre envelhecimento, sabedoria, memória, alegria e participação social contrapõe-se a concepções que identificam a pessoa idosa exclusivamente com incapacidade ou passividade, porém pode aproximar-se de um modelo idealizado quando essas características são tomadas como atributos generalizáveis da velhice.

A figura do Vovô Coruja concentra parte dessa tensão. Sua centralidade confere voz, capacidade reflexiva e autoridade a uma personagem idosa e lhe atribui a função de articular, no desfecho, as diferentes situações de violência apresentadas ao longo

da história. Ao mesmo tempo, a associação entre a personagem e a figura culturalmente vinculada à sabedoria reforça uma representação que relaciona envelhecimento, experiência e aconselhamento. Esse aspecto evidencia que representações positivas também requerem análise crítica quando assumem caráter universalizante.

A antropomorfização dos animais do Pantanal constitui outro elemento relevante na construção dos sentidos. O recurso possibilita abordar situações complexas de violência e negligência em um universo ficcional protagonizado por animais, produzindo certo distanciamento simbólico em relação às experiências humanas representadas. As características culturalmente associadas às diferentes espécies, contudo, participam da caracterização das personagens e reforçam a importância de considerar conjuntamente os elementos verbais e imagéticos da obra.

As relações intergeracionais apresentam igualmente uma dimensão contraditória. Os vínculos familiares aparecem como espaços de memória, afeto e cuidado, coexistindo com situações de exploração, negligência e violência. Essa configuração problematiza a compreensão da família como espaço naturalmente protetivo. A centralidade atribuída às relações familiares reduz, ainda, a visibilidade de outras formas de convivência entre gerações presentes em espaços comunitários, educacionais, culturais, institucionais e de participação social.

Outro resultado refere-se à centralidade do afeto no desfecho da história. Amor, acolhimento, abraço e sorriso integram a resposta construída diante das situações de abandono e violência. Esses elementos participam da dimensão afetiva da obra, mas não abrangem, isoladamente, a complexidade dos direitos envolvidos. A dignidade, a integridade, a autonomia e a proteção da pessoa idosa independem da existência de vínculos afetivos e envolvem responsabilidades atribuídas à família, à sociedade e ao Estado.

A origem institucional da publicação acrescenta outra dimensão à análise. Publicada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, a obra insere a discussão sobre os direitos da pessoa idosa em uma produção vinculada ao poder público. Essa característica permite relacionar as situações representadas às responsabilidades sociais e institucionais implicadas na garantia desses direitos. A divulgação e a discussão das violações constituem uma dimensão desse processo, que envolve políticas públicas, serviços, redes de proteção e mecanismos de responsabilização.

A contribuição de *Uma festa para a vida* para contextos educativos não reside, portanto, na transmissão de uma mensagem acabada sobre como as crianças devem tratar as pessoas idosas. Seu potencial formativo encontra-se na abertura oferecida para discutir as questões e contradições presentes na própria obra. Sob essa perspectiva, podem ser examinadas experiências de envelhecimento pouco contempladas, estereótipos associados à velhice e responsabilidades sociais e institucionais relacionadas à garantia de direitos.

Essa compreensão requer preservar a especificidade da experiência literária, evitando sua redução a instrumento de moralização. Na educação em direitos humanos, a obra pode constituir um espaço de interpretação e questionamento das diferentes formas de envelhecer e das condições sociais relacionadas às violações apresentadas. A discussão pode ultrapassar a prescrição de comportamentos considerados adequados e abranger os processos pelos quais determinadas práticas são naturalizadas, assim como as responsabilidades envolvidas em seu enfrentamento.

Como limite da pesquisa, destaca-se que o estudo se concentrou na análise da obra e de suas representações narrativas e imagéticas, sem investigar processos concretos de recepção junto ao público infantil. Os resultados, portanto, permitem identificar potencialidades, contradições e limites da narrativa para a educação em direitos humanos, sem possibilitar afirmações sobre os sentidos efetivamente construídos pelas crianças durante a leitura ou sobre os efeitos da obra em suas concepções acerca do envelhecimento.

Essa delimitação abre possibilidades para investigações futuras com crianças em espaços escolares ou comunitários, voltadas à compreensão dos sentidos construídos a partir das personagens, das situações de violência, das imagens e das diferentes representações da velhice presentes na obra. Estudos dessa natureza poderão considerar as condições em que a leitura ocorre e as formas de intervenção desenvolvidas nesse processo. A análise de outras produções da literatura infantil poderá igualmente ampliar a discussão, permitindo examinar como o envelhecimento e as relações intergeracionais são representados em diferentes narrativas.

Conclui-se que *Uma festa para a vida* constitui uma produção pertinente à discussão das relações entre literatura infantil, envelhecimento e direitos humanos, particularmente pelas questões que emergem de suas potencialidades e contradições. A obra oferece elementos para discutir violência, cuidado, diversidade das velhices, relações intergeracionais e responsabilidade social, sem que suas representações sejam tomadas como modelos universais de envelhecimento. Sua contribuição para a educação em direitos humanos pode ser situada, assim, na abertura para a interpretação e o questionamento das formas pelas quais a velhice e os direitos da pessoa idosa são representados no universo literário.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 337-357.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 3 out. 2003.
- BRASIL. Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 25 jul. 2022.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: 2023**. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EdUSP, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: população por idade e sexo: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MASSIE, P.; STAUDE, M. Envelhecimento no mundo. **Continental Philosophy Review**, v. 57, p. 565-584, 2024. DOI: 10.1007/s11007-024-09630-w. Acesso em: 17 jul. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra idosos**: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.

OSVALDO JÚNIOR. **Uma festa para a vida**: animais do Pantanal e direitos dos idosos. Ilustração [de] Luciana Kawassaki, Campo Grande: ALEMS, 2020.

SARAIVA, Kizzy Freitas Moreira *et. al.* Violência infantil: uma análise da Base Nacional Comum Curricular sobre um tema emergente. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 8, n. 4, p. 98-112, 2025. DOI: 10.47236/2594-7036.2024.v8.i4.98-112p. Acesso em: 15 ago. 2026.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ZACARIAS, Inez Rocha. Método em Marx: os fundamentos do método dialético-crítico. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, e48011, 2025. DOI: 10.15448/1677-9509.2025.1.49011. Acesso em: 17 jul. 2026.

ZIESEMER, Nadine de Biagi Souza *et. al.* Cuidadores de idosos: a percepção dos fatores que impactam sua qualidade de vida. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 5, n. 3, p. 62-74, 2021. DOI: 10.47236/2594-7036.2021.v5.i3.62-74p. Acesso em: 15 ago. 2026.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lúgia Cademartori. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 2003.

Informações complementares

Descrição	Declaração
Financiamento	Não se aplica.

Aprovação ética		Não se aplica.
Conflito de interesses		Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes		O trabalho não é um <i>preprint</i> e os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos neste artigo.
Uso de Inteligência Artificial		Não há.
CrediT	Rogéria Fatima Madaloz	Funções: conceitualização, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, visualização, escrita – rascunho original, escrita – revisão e edição.
	Joice Nara Rosa Silva	Funções: conceitualização, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, visualização, escrita – rascunho original, escrita – revisão e edição.
	Carla Rosane da Silva Tavares Alves	Funções: escrita – rascunho original, escrita – revisão e edição.
	Sirlei de Lourdes Lauxen	Funções: escrita – rascunho original, escrita – revisão e edição.

Avaliadores: Dra. Neide Alessandra Périgo Nascimento* (Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil); Dra. Manuela Cunha Peixinho** (Instituto Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil); o avaliador “C” optou pela avaliação fechada e pelo anonimato.

Revisora do texto em português: Joice Nara Rosa Silva***.

Revisora do texto em inglês: Joice Nara Rosa Silva***.

Revisora do texto em espanhol: Joice Nara Rosa Silva***.

Como citar (ABNT):

MADALOZ, Rogéria Fatima *et. al.* Uma festa para a vida: literatura infantil, envelhecimento e direitos humanos na perspectiva da análise dialética histórica. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e2237, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.2237. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2237>.

* Optou pela avaliação aberta e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliadora no trabalho publicado.

** Optou pela avaliação fechada e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliadora no trabalho publicado.

*** Conforme informado pelos autores e comprovado por documento anexado ao sistema da Revista.